

DOI: <https://doi.org/10.30612/frh.v26i49.16478>

## Entre duas Revoluções: *As Guerrilheiras* e o Nascimento de uma Nova Linguagem

### Resenha da obra:

WITTIG, Monique. *As guerrilheiras*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

**Juliana Ben Brizola da Silva**

Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

[juliana.ben.brizola@gmail.com](mailto:juliana.ben.brizola@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-3567-9186>

*As guerrilheiras* é uma narrativa épica que transita entre o real e o ficcional ao retratar um mundo onde as mulheres protagonizam duas revoluções: a revolução linguística e a revolução social. Neste romance político, de Monique Wittig, a lésbica é assumida como figura revolucionária. Ao rejeitar estereótipos e definições, as guerrilheiras distanciam-se do mundo dos símbolos e das representações, questionam as oposições binárias e criam uma linguagem, na qual o caos, o indizível, o delírio, a desordem criativa, a arte, os jogos e os afetos guiam as experiências das mulheres no mundo.

Monique Wittig, escritora e ativista francesa que se envolveu nas revoltas de estudantes e trabalhadores em maio de 1968, nasceu em 1935, em Dannemarie. É considerada precursora da Teoria *Queer*, além de figura central dos movimentos feminista e lésbico na França. Ao longo de sua vida, publicou três romances e diversos artigos, sendo *The Straight Mind* [O pensamento hétero] o mais famoso deles. Wittig lecionou em diversas instituições nos Estados Unidos, entre elas, Universidade de Nova York, Universidade da Califórnia em Berkeley e Universidade do Arizona.

A obra, *As guerrilheiras*, foi escrita em 1969, quando Wittig iniciava sua carreira como escritora. O livro é dividido em três partes. A primeira se dedica a descrever os feminários e a vida que se levava ali. Os feminários são uma espécie de mundo possível onde vivem apenas mulheres e seres não humanos. Nestes mundos, se vive uma vida de entrega, magia e fusão com o ambiente; as mulheres dançam, cantam, dormem, caçam, coletam alimentos, brincam, divertem-se, realizam rituais, não levam nada muito a sério, embora nada seja frívolo. O corpo feminino é descrito e enaltecido a todo momento, particularmente suas partes erógenas, como a vulva e o clitóris. O clitóris é comparado ao mercúrio – devido a facilidade para se propagar, mudar de forma –, ao caroço de uma cereja, a um broto, a uma amêndoa, a um gergelim descascado, a um dardo, a uma fechadura. As mulheres divertem-se criando muitos nomes para a vulva, no entanto, não se apegam a eles, dispensam as definições, pois os reconhecem como algo vazio de sentido.

Em sua narrativa real-ficcional, repleta de metáforas e devaneios, Wittig faz referências a inúmeros textos, de narrativas míticas e canções revolucionárias francesas ao Livro de Gênesis, passando por crônicas tchecas da Idade Média, por

poemas vietnamitas, italianos, por obras clássicas e contemporâneas. Ao final da primeira parte, Wittig revela que, embora os velhos textos tenham exercido uma função importante nos feminários, boa parte se tornou inacessível e as mulheres os consideraram fora de moda. E num ato de desapego, de se livrar de uma sobrecarga, de um saber que se tornou inútil, elas decidem queimá-los, criando, inclusive, um pretexto para as festas. Essa passagem da obra, que se configura como uma crítica aos cânones, a um certo saber acadêmico, à dureza de certas análises e teorias ultrapassadas, faz a transição para a segunda parte do livro, na qual a autora se aprofunda em reflexões sobre a linguagem e sobre a necessidade de romper com os binarismos que sustentam as sociedades patriarcais.

Enquanto a primeira parte da obra é mais descritiva, a segunda é mais reflexiva. Em uma defesa do caos e da desordem criativa como formas de organização e revolução social, Wittig nos fala de estratégias não institucionalizadas para libertar as pessoas de um mundo binário, machista, falocentrado, falido. A luta e a dança andam juntas em *As guerrilheiras*, que apresenta a contradição e a imperfeição como partes constituintes dos sujeitos no mundo. Aquelas que reivindicam uma nova linguagem não o fazem sem primeiro deparar-se com a violência. As mulheres sabem do perigo que representam para o poder instituído; a força, os saberes e os desejos delas eram capazes de “dominar as tempestades, afundar frotas inteiras, destruir exércitos” (Wittig, 2019, p. 81). Por isso, as hierarquias e os sistemas governamentais se sentiram tão ameaçados, argumenta a autora. Na narrativa épica, as mulheres são combatentes organizadas que lutam sem tréguas. Emílias, Arianes, Méropes, Medeias, Telmas, Natalias, Deodatas, Vilaines, Íris, Cloés, Desdêmonas, Floras, Zitas, Néftis, Dragas, Safos, Shadtars, Buthaynas, e tantas outras, são aliadas incansáveis que pegam em armas, formam tropas, derrubam o adversário aniquilando seu armamento e forçando sua retirada.

Os nomes das mulheres ocupam as páginas do livro como poemas destacados em caixa alta. A cada quatro ou cinco parágrafos da narrativa, encontramos uma lista de nomes. Mulheres das mais variadas origens e épocas unidas na criação de uma nova linguagem e de um novo mundo. Wittig nos lembra da importância de não abandonar o coletivo.

A nova linguagem proposta pela autora recusa símbolos e mitos. Se no início do romance, que corresponde a uma fase da vida nos feminários, as comparações eram bem-vindas, ainda que por diversão, neste segundo momento, elas são rejeitadas. Os discursos das mulheres recusam a representação por considerá-la ultrapassada. Basta de exaltar as vulvas, elas dizem, a força das mulheres não precisa ser extraída dos símbolos. “Dizem que todo símbolo que exalta o corpo fragmentado é temporário e deve desaparecer. Foi assim em outros tempos. Elas avançam, corpos íntegros por princípio, caminhando juntas por um outro mundo” (Wittig, 2019, p. 65). É chegado o tempo das assembleias, dos discursos, das reflexões. A pluralidade é enaltecida. As mulheres cantam canções para que floresçam cem flores, cem escolas de pensamento. Nas assembleias, as mulheres lembram do tempo em que eram comparadas à terra e ao mar, a tudo que é úmido, negativo, escuro. Elas dizem que essa ideia é resultado de um pensamento mecanicista, baseado em oposições binárias sistematicamente relacionadas. Para elas, esses esquemas são tão grosseiros que uma simples lembrança as leva ao riso.

A terceira e última parte do livro narra o embate das mulheres contra seus inimigos e a tomada das cidades industriais, entre outros territórios. Apoderadas de bombas, alavancas, maçaricos, tornos, turbinas, bazucas, britadeiras, as guerrilheiras lutam contra seus opressores. O opressor está menos centrado na figura do homem e mais naquilo que esta figura representa. Faz parte da luta abrir os olhos dos homens, assim como das mulheres que não estiveram nos feminários. A relação entre raça e gênero aparece aqui para alertar as mulheres sobre seus opressores, como identificá-los e como como eles operam. Wittig alerta: aqueles que inferiorizaram negros e mulheres, os classificando como universalmente mentirosos, superficiais, pouco inteligentes, animais, são os mesmos dominadores que constituíram você, mulher, como essencialmente diferente, que adoram você como deusa, mas que na primeira oportunidade a queimarão na fogueira.

Como estratégia de guerra, as combatentes, quando têm um prisioneiro, “despem-no e o fazem correr na rua gritando: é a sua vara/ seu bastão/ seu mastro/ sua varinha/ seu espeto/ sua haste de chumbo” (Wittig, 2019, p. 97). Elas riem e logo em seguida afagam o prisioneiro para que ele esqueça os maus-tratos que sofreu. A

zombaria em relação ao falo, assim como a recusa de usar a linguagem que identifica as mulheres pela falta, seja do falo, da força, da esperteza, está bastante presente nesta parte da narrativa. Neste momento final da obra, o círculo, que é uma imagem referenciada em muitos momentos no livro – as três partes iniciam com o desenho de um círculo – afirma-se como a chave e o catalisador da nova linguagem. Nas lacunas, naquilo que não é continuidade, no zero, no O, no círculo, manifesta-se tudo aquilo de que os dominadores não conseguiram se apropriar, afirma Wittig.

O exército das mulheres avança e vence a guerra. Elas anunciam que estão deixando os museus, as vitrines, os pedestais onde foram imobilizadas. Elas bradam, cantam, riem, descontrolam-se; estão iluminadas, pois agora podem se mover livremente. Elas se dirigem aos homens dizendo a eles que estavam lutando por todos e por todas e pedem que todos repitam, como palavras de ordem “que todo traço de violência desapareça desta terra” (Wittig, 2019, p. 118). Elas decidem enterrar todas as armas e clamam que seja apagada da memória humana esta guerra, a mais longa e mais sangrenta da história, a última guerra possível. Todos aplaudem. Um último ritual de canto é realizado em memória às mulheres que morreram pela liberdade.

Ler *As guerrilheiras* sem chorar foi algo impossível para mim, assim como foi impossível não acreditar em um futuro-passado-presente em que a narrativa épica se realiza para além da ficção. O real e o ficcional estão imbricados de tal forma no romance político de Monique Wittig que é possível se ver dentro da história, refletir sobre os mitos fundadores do patriarcado e, ao mesmo tempo, maquinar estratégias de ação ativista. O texto é poético, é narrativo, é teórico, é político, provoca deslocamentos, afetações, nos faz desconfiar da dispersão e nos lembra que nunca devemos abandonar o coletivo. “Permaneçam juntas como as personagens de um livro” (Wittig, 2019, p. 52), pois é preciso recomeçar.